

Vida, vez, voz de...
GATO

Mary Difatto

Vida, vez, voz de...
GATO

Ilustrações
CARLOS ZÜRCK CRUZ

LETRAPITAL

Copyright © Mary Difatto, 2025

*Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/02/1998.
Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida, sejam quais forem os
meios empregados, sem a autorização prévia e expressa do autor.*

EDITOR João Baptista Pinto

REVISÃO Da autora

PROJETO GRÁFICO E CAPA Mary Difatto

ILUSTRAÇÕES Carlos Zürck Cruz

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

D568v

Difatto, Mary, 1974-

Vida, vez, voz de... gato / Mary Difatto ; ilustração Carlos Zürck Cruz. - 1. ed. - Rio de Janeiro :
Letra Capital, 2025.

106 p. : il. ; 22 cm.

ISBN 978-65-5252-216-0

1. Ficção. 2. Literatura infantojuvenil brasileira. I. Cruz, Carlos Zürck. II. Título.

CDD: 808.899282

25-101060.0

CDU: 82-93(81)



Carla Rosa Martins Gonçalves - Bibliotecária - CRB-7/4782

09/10/2025 10/10/2025

LETRA CAPITAL EDITORA
Tels.: (21) 3553-2236 / 2215-3781 / 99380-1465
www.letracapital.com.br

*Uma das muitas
vozes do
gato:*

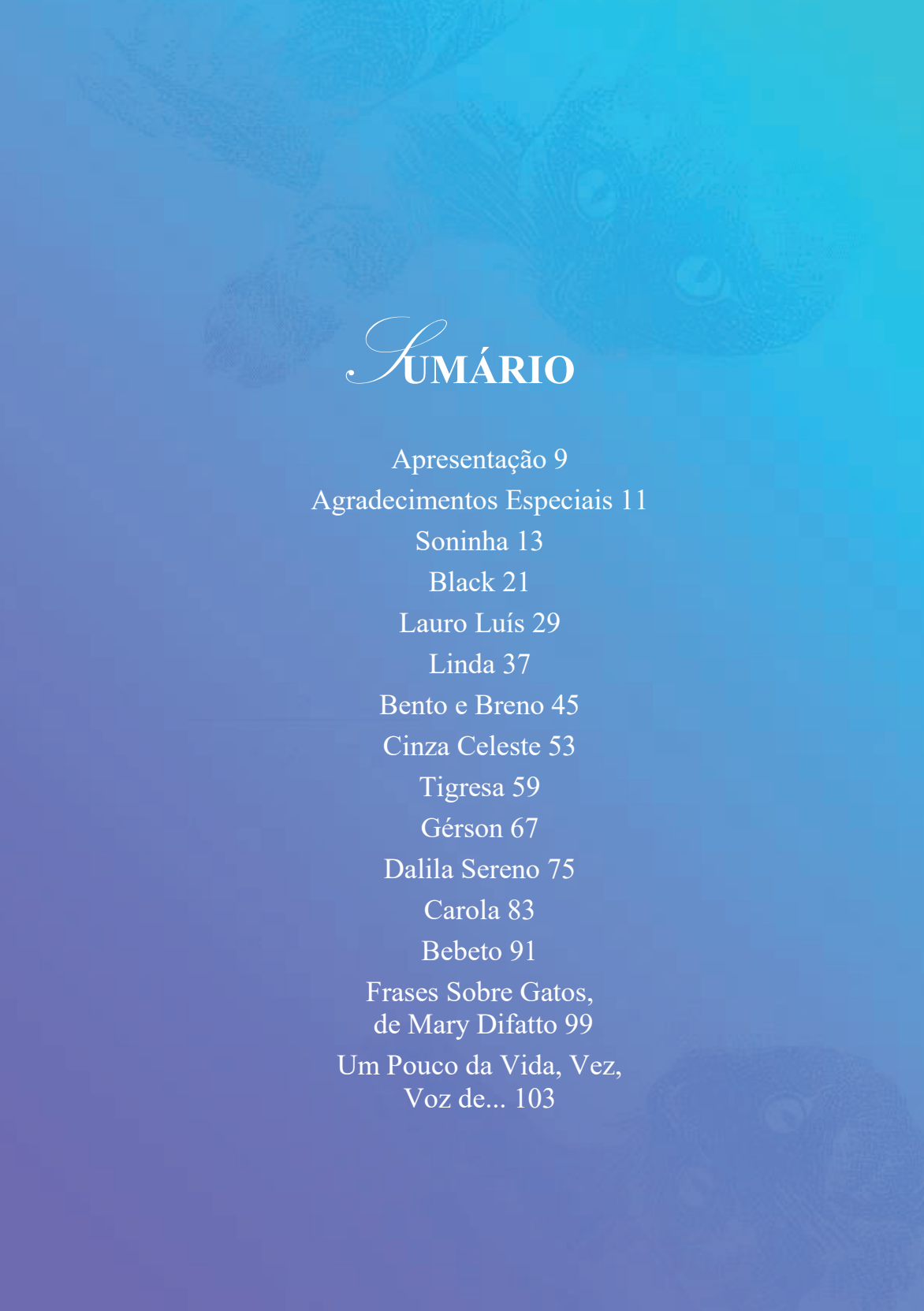
M

I

A

U

!



SUMÁRIO

Apresentação	9
Agradecimentos Especiais	11
Soninha	13
Black	21
Lauro Luís	29
Linda	37
Bento e Breno	45
Cinza Celeste	53
Tigresa	59
Gérson	67
Dalila Sereno	75
Carola	83
Bebeto	91
Frases Sobre Gatos, de Mary Difatto	99
Um Pouco da Vida, Vez, Voz de...	103

APRESENTAÇÃO

Sempre amei gatos, desde que me conheço por gente.

Aos 5 aninhos de idade, já sabia da “invasão do coração” que os bichanos me causariam para o resto da vida.

Gatos têm uma personalidade bem particular. São cheios de enigmas, e nos envolvem em seus mistérios. O que será que se passa nas cabecinhas deles?

Dizem que os felinos domésticos tendem a desenvolver o comportamento dos tutores. Contrário essa opinião: acredito que nós, sim, é que adquirimos os hábitos dos bichanos!

Volta e meia me pego observando os gatos.

O jeito como cuidam da “roupinha”, sempre lavando os pelos quando se sentem sujos, como comem devagar ou apressadamente, o ronrom em muitas ocasiões de alegria ou descanso, o modo como agitam os bigodes e limpam as patinhas após as refeições, os miados de chamamento, e até mesmo a zanga, quando brincamos em hora que não querem saber de diversão.

Eles capturam meu olhar, causando também, um rebuliço no coração!

Esse livro de contos – *Vida, Vez, Voz de... Gato* – nasceu da minha grande felicidade de conviver com os felinos podendo, assim, notar cada detalhe, seja nas atitudes, seja em suas particularidades físicas.

Percebi também, através dos tempos, serem os gatos mais sábios do que imaginamos. Eles não contam que são inteligentes, é claro. Temos que adivinhar...

Cada história de *Vida, Vez, Voz de... Gato* é contada pelo próprio gato protagonista, e o título leva o nome dele.

E cada uma delas tenta traduzir os exatos sentimentos dos felinos. Pois eles sofrem, sentem sede, fome, frio, calor igual a nós, humanos. E o principal: sentem amor!

São passagens que sabemos acontecer com muitos bichanos neste nosso mundão chamado Planeta Terra.

Gatos são extremamente fascinantes!

Eles nos ganham com seu jeito todo particular de agir, e até “pensar” (está entre aspas porque não pensam. Mas dão essa impressão na gente, às vezes...)

Gatos são curiosos, e gostam muito de estar por perto dos fatos, de que maneira seja. Pulando os muros, subindo na cama, remexendo objetos, “hipnotizando” algum insetinho voador... Eles são demais!

Por inocência ou sua eterna vontade de estarem por dentro de tudo, muitas vezes correm perigo, ao vagarem de um lado ao outro. Cabe a nós, seus tutores, lhes proteger e vigiar, para que estejam sempre bem acolhidos.

Bom, para quem ama gatos, o livro passa a sensação de familiaridade. É como se pudéssemos ler suas mentes!

Por isso, acho que já falei além da conta.

De tanto que estou aqui escrevendo, creio até que chegou a hora de pôr comida para meus filhinhos felinos...

Então, pegue emprestada a curiosidade dos gatos, e leia os contos, com olhos observadores. Tenho certeza de que trazem a marca das patinhas felinas.

Não me estendendo mais, desejo um maravilhoso ronrom a todos!!!!

Mary Difatto
Fevereiro de 2025

Agradecimentos Especiais

Aos meus muitos **gatos**, amados e resgatados por mim, com amor e dedicação. São eles: **Ronny, Pepita, Félix, Gulliver, Tina, Luke, Ritinha (Rita Lee), Meggie, Baby, Lili, Ruth, Léia, Nina, Laurinho e Mimi Grey**. E aos meus outros anjinhos de quatro patas que, infelizmente, já viraram estrelinhas.

Com imenso agradecimento a minha querida mãe **Maria do Carmo (Carminha – in memoriam)** pelos valores passados, e um deles, o amor aos animais.

Ao meu irmão **Henrique Difatto**, que muito me ajuda a cuidar dos gatinhos. Sua colaboração é imprescindível.

Ao querido amigo, o ilustrador, escritor e professor **Carlos Zürk Cruz**, pelo primor na construção das ilustrações. Descobri que também é gateiro. Logo, ele pôs o coração em cada detalhe.

Ao grandioso e amantes dos felinos domésticos, o cantor **Freddie Mercury (in memoriam)** por sua linda dedicatória no primeiro álbum solo, ***Mr Bad Guy***. Ele agradeceu aos seus gatos e a todos os gateiros do mundo. Senti-me incluída!

*Dedicado a todos os **gatos** e **gateiros**.
Que a trilha sonora do mundo passe a ser
ronrons e belos miados!*

Vida, vez, voz de...



Soninha





meu começo de vida foi complicado: de uma ninhada de 5 gatinhos, só eu sobrevivi. É porque a minha mamãe gata, que não possuía casa, teve os bebês no mato, e por isso, não pôde nos proteger direito, quando caiu uma chuarada, mais ou menos, uns trinta dias depois que nascemos.

Aquela tempestade nos atingiu de tal forma, que a maioria de nós pegou pneumonia. Daí, eu só aguentei porque era muito gulosa: mamava mais que os outros. Fiquei mais forte, com mais proteínas. Mamãe, coitadinha, saía para caçar comida todos os dias, para ela própria sobreviver. Era magrinha que só!

Permanecia eu quietinha, esperando o retorno dela, eu que começava a andar com certa firmeza, já conseguindo identificar quando havia uma invasão de inimigos em nosso território (corria mato adentro, só aparecendo quando mamãe chamava). Era uma alegria quando ela voltava! Mamava tanto, e me aconchegava em sua barriga, até o sono chegar...

Certo dia, quando mamãe saiu em busca de alimento, voltou acompanhada de uma criatura até então esquisita para mim: um ser humano!

Mamãe não brigou com a criatura, quando ela sorriu e tentou me pôr no colo.

Não consegui, porque eu não deixei; corri feito louca! Sei lá quem era aquele ser estranho? Na dúvida, preferi sumir...

Porém, aquela criatura não desistiu de mim. Ia todos os dias lá tentar fazer amizade comigo, permanecendo nesse jogo durante uma semana.

Até que não resisti.

A moça me conquistou com uma comida gostosa, que eu descobri depois, se tratar de sardinha. Foi a primeira vez que ronronei para uma pessoa!

Logo, eu fui morar na casa da moça, levada juntamente com mamãe gata. Ganhei o nome de Soninha, por dormir quase o dia inteiro. Admito que eu sempre fui bastante gulosa e preguiçosa!...

Era muito comum – passei a conviver com outros seres humanos – alguém perguntar por mim. Mamãe humana logo dizia:

– Soninha? Ah, aquela ali está dormindo, pra variar... haha -- rindo, imaginando os lugares mais absurdos que eu escolhia para meu descanso da beleza.

Uma coisa que me chateava um pouco desde o começo – mas não a ponto de eu ficar zangada – é que ninguém falava as minhas cores direito. Todo mundo achava – e acha! – que sou preta e branca!

Na verdade, eu sou cinza e branca, de olhos castanhos. Sou muito elogiada por ter um pelo bem macio.

Havia a garotinha também, filha da mamãe humana, que me adorava, me punha no colo, e me beijava tanto!... No início, eu não gostava muito. Com o tempo, passei a gostar daquele paparico.

Lá, eu tinha vida de rainha!

Dormia dentro de casa onde quisesse, via televisão com mamãe humana, recebia carinho de todo mundo, mamava na mamãe gata e aprendi a comer ração. Tudo era felicidade!

Uma das minhas maiores tristezas, porém, foi quando mamãe gata parou de me dar mamar, e bater em mim. Fiquei até deprimida...

Numa conversa de humanos, ouvi a moça que me adotou, comentar com alguém:

– É porque Soninha está com uns três meses. O leite da mãezinha dela deve ter secado.

Então, eu compreendi que a nossa relação de mãe e filha, havia terminado, apesar de vê-la todos os dias comendo a ração no quintal, sem poder me aproximar.

Apesar de muito bem tratada igual a mim, minha mamãe gata não parava em casa.

Naturalmente, sentia falta das caças, de ter que lutar pela sobrevivência, de viver aventuras mil.

Estava acostumada com a rua, em ser livre!

Até que um dia, não voltou mais. Ninguém sabe o que aconteceu...

O tempo foi passando, e dali me tornei uma gatona!

Engordei muito. Mas, não fiquei obesa. Meu pelo cresceu mais espesso e macio ainda! As pessoas costumavam vir direto em minha direção para me pegar no colo. Apesar de eu não arranhar ninguém, não gostava nada daquele agarramento de estranhos.

Corria tudo muito bem.

Eu, a cada dia, estava mais acostumada com minha vida com os humanos.

Sendo eu a rainha, era obedecida em todos meus desejos, como comer sempre que eu pedia (a garotinha jogava pedaços de pão para mim escondido, para mamãe humana não reclamar).

No entanto, aconteceu uma chatice, uma coisa lá chamada de campanha de vacinação de animais domésticos na nossa cidade.

Todo mundo vivia avisando minha mãe que deveria me proteger, principalmente um senhor vendedor de artigos do lar:

– Olha, Soninha nunca foi vacinada! Apesar de não sair do quintal, corre risco dela pegar raiva de algum animal infectado!...

Eu tinha cerca de dois anos, e mamãe nunca viu necessidade de me levar. Entretanto, de tanto que a amedrontaram, resolveu atender o aviso.

Não gostei nada, nadinha mesmo, de receber um laço no pescoço, com uma corrente agarrada à mão de minha mamãe. Achei estranho porque o máximo que costumava pôr em mim, era uma mantinha por cima do meu corpo, quando estava muito frio.

A contragosto, eu fui.

Minha intuição dizia que aquilo não seria bom.

De longe, avistei muita gente, e ouvi uns barulhos irritantes, e eu já sabia que vinham dos cachorros, aqueles seres que conhecia só de vista.

Fiquei muito assustada!

Ao aproximar, não aguentei tantos latidos e miados; eu enlouqueci naquela hora.

Saltei do colo da mamãe, e desapareci.

Tive pena de mamãe, que gritava:

– Soninha, Soninha! Volta, meu amor!

No entanto, eu não podia voltar. Era muito barulho, mais do que poderia suportar...

Fugi para o mato... Havia diversos terrenos baldios naquela época, facilitando o meu sumiço.

Durante meses permaneci por lá, comendo o que surgia, o que caçava.

De vez em quando ouvia a voz da mamãe me chamando, e tinha vontade de atendê-la.

Entretanto, meu pavor de ela me levar para aquele barulhão horrível de novo, não me deixava retornar.

Sentia muita falta da boa vida que tinha. Sentia falta da mamãe e da garotinha, que eram tão maravilhosas para mim.

Porém, eu ainda estava traumatizada...

Acabei, com o tempo, tendo meus filhotes. Estava me sentindo sozinha e frágil.

Quando os meus bebês estavam com uns quinze dias, eu resolvi aparecer para mamãe, ela que sempre estava na área, na esperança de me encontrar.

– Soninha! Ah, Soninha... – quando me viu, ela me beijou tanto, me pondo no colo, como se nunca tivéssemos nos separado.

Ronronei alto; adorei quando mãezinha me tomou nos seus braços.

Ela já ia me carregando para casa, quando eu comecei a me balançar, para que me soltasse. Assim sendo, a direcionei onde estavam os meus filhinhos.

Ao vê-los, mamãe humana tentou levá-los junto, mas não quis acompanhá-la. Acho que compreendeu que se levasse meus nenéns para o barulho, eu iria abandoná-los.

Então, mãezinha me deixou ali mesmo com eles, passando a me visitar.

Ela fez uma casa para gatos bem protegida, levando comida e água, dando muito carinho e amor. Sua filha também ia lá nos visitar, me paparicando, como sempre.

Certa vez, eu tive que lutar com uns gambás para proteger meus filhos.

Não tinha costume de brigar com os outros animais porque, – ainda mais aqueles bichinhos! – não me importunavam em nada.

O caso é que, sendo meus bebês ainda bastante pequenos, acabaram atraindo invasores para o ninho.

Para quem não sabe, os gambás se alimentam de pequenos animais. Aliás, se alimentam de muitos tipos de comida!

À noite, eu ficava em alerta com qualquer barulho que ouvia. Era o período do dia que eles escolhiam para nos importunar.

Um deles, consegui morder a pata traseira, levando o invasor a correr desabalado, com muito medo de mim!

Mesmo eu bem irritada pelos ataques deles, consegui os perdoar.

Geralmente são as mães gambás que fazem isso, para darem o que comer aos seus filhinhos. E isso me deu pena... A vida para quem não tem um lar, é muito difícil...

Meus filhotes cresceram um bocado... E o meu leite secou; mãe humana doou os bebês.

Depois deles, não tive mais filhos.

Porém, não quis ficar em casa mesmo assim.

Surgiu um probleminha na minha barriga, e tive que realizar uma cirurgia. Logo que eu fiquei fortalecida, retornei ao local onde ganhei meus bebês.

Minha mãezinha, depois disso, me levou várias vezes para o seu lar. Mas eu fugia sempre.

Uma época, ela chegou a me prender.

No entanto, caí numa tristeza tão profunda, que mãezinha resolveu me soltar, só para me ver feliz de novo.

Hoje eu estou bem madura. Não idosa. Mas, sem aquela energia de antes.

Por esse motivo, não tenho vontade de caçar, mesmo porque já perdi alguns dentes.

Todos os dias, mamãe vem me ver. Traz de tudo que mais gosto, inclusive sardinha frita, que eu adoro. A garotinha está quase uma moça feita. Continua tão carinhosa quanto a mãezinha.

Agora, terrenos baldios são raros por aqui.

No entanto, por um golpe de sorte, onde fica a minha casinha, não foi ainda vendido, nem vem ninguém para sequer dar uma olhada.

De vez em quando, sinto vontade de voltar para a casa onde cresci cercada de tanto amor.

Só que me acostumei com a vida na rua, essa liberdade tão prezada por nós, gatos.

Entendo agora minha mamãe gata. O desafio de sobreviver fora de casa todos os dias, correndo certos riscos, nos fascina.

Gatos não são animaizinhos compreendidos com facilidade. É preciso muita dedicação, o que mamãe tem de sobra.

Eu já me prometi: quando estiver bem idosa, vou ficar com a minha mãezinha humana.

Devo confessar que a liberdade me faz bem.

Entretanto, aquela vida mansa que eu tinha antes, também não era nada ruim...

